

O DISCURSO DA REVISTA VEJA E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO PT

Ivanaldo Santos¹
Regilberto José Silva²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo investigar o discurso da revista *Veja* orientado para a construção da imagem do PT a partir das relações de poder entre mídia e governo no episódio do mensalão. O *corpus* da investigação é o editorial e a capa da revista *Veja* da edição 1911 de 29 de junho de 2005. O método a ser adotado é a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO), na perspectiva de Fairclough (2001) dialogando com a categoria de ideologia de Thompson (2009) e com a Semiótica Social de Kress e van Leeuwen (1996). Confirma-se, na análise, que a revista *Veja* contribuiu para moldar uma imagem negativa do PT. Tal moldagem se evidencia de forma preconceituosa e sem princípios éticos, com intuito de interferir nas eleições presidenciais de 2006.

PALAVRAS-CHAVES: *Veja*; Mensalão; construções imagéticas; Partidos dos Trabalhadores.

ABSTRACT: This article aims at investigating *Veja* discourse magazine oriented to building the image of PT from the power relations between media and government in the episode of the monthly allowance (mensalão). The *corpus* of this research is the editorial and the cover of *Veja* magazine's 1911 edition June 29, 2005. The method adopted is Textually Oriented Discourse Analysis, from the perspective by Fairclough (2001) dialoguing with the category of ideology by Thompson (2009) and Social Semiotics by Kress and van Leeuwen (1996). It is confirmed in the analysis, *Veja* magazine has contributed to shaping a negative image of PT. This molding is evident in a biased and without ethical principles, with the intention of interfering in the 2006 presidential elections.

KEYWORDS: *Veja*; the monthly allowance (Mensalão); constructions of images; Partido dos Trabalhadores (The Workers' Party).

Introdução

O discurso como prática social é um dos principais mecanismos, entre outros, de construção ou reconstrução de identidades a partir da inserção de ideologias que manipulam e controlam o outro. Um espaço onde o discurso torna-se vital é a mídia. Ela é um dos espaços sociolinguísticos capaz de produzir e reproduzir ideologias para a manutenção e transformação do poder. Um pequeno, mas significativo exemplo, é o caso do mensalão, um escândalo político que ocorreu no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva

¹ Pós-doutorado em estudos da linguagem pela USP, doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

² Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), especialista pela Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ) e mestrando em Letras pela UERN. E-mail: regilberto.silva@gmail.com.

(2005/2006), caracterizado pelo suposto envolvimento do governo e de políticos do PT e da base aliada no esquema de bonificações financeiras a parlamentares do legislativo. O mensalão é um exemplo de como a combinação entre discurso e mídia pode redirecionar a opinião pública e ajudar a construir representações identitárias que, nesse caso, é a do Partido dos Trabalhadores (PT). O objetivo deste artigo é investigar o discurso da revista *Veja*, sobretudo a respeito dos sentidos potencialmente ideológicos, orientados para a construção da imagem do PT a partir das relações de poder entre mídia e governo no episódio do mensalão, sendo o *corpus* da investigação o editorial e a capa da revista *Veja* da edição 1911 de 29 de junho de 2005.

O editorial foi escolhido por ser o discurso oficial da revista. É um gênero com uma tipologia argumentativa, ou seja, procura persuadir o leitor e é onde se encontra as posições ideológicas da revista. Já a escolha da capa é necessária porque é um recurso visual e verbal que sustenta os argumentos ideológicos da revista numa espécie de dialogismo, ou seja, há uma constante interação entre o editorial e a capa na perspectiva de que os aspectos multimodais da capa sustentam os argumentos do editorial. Isso é pertinente porque o leitor da revista observa o que é mais saliente no campo visual. Assim partimos do pressuposto de que a capa também é um texto argumentativo que também visualiza as intenções da revista.

Para tanto, o método a ser adotado é a Análise de Discurso Textualmente Orientada (Adto), na perspectiva de Fairclough (2001) dialogando com a categoria de ideologia de Thompson (2009) e com a Semiótica Social de Kress e van Leeuwen (1996), centrando-se a análise na intertextualidade, na interdiscursividade e na representação identitária de atores sociais. Também, neste artigo, expõe-se o processo de construção da imagem de uma instituição partidária na e pela mídia. Além disso, verifica-se se esse processo de construção da imagem é realizado por desconstrução simbólica ou não. Além do mais, percebe-se, através das categorias de análises em ADC, o envolvimento político-ideológico da mídia.

Por fim, consideramos que as análises das categorias e dos conceitos estudados, neste artigo, possam ser pertinentes para muitos estudantes, pesquisadores/as e professores/as que estão dispostos a estudar o discurso de forma crítica, reflexiva e emancipadora, reconhecendo que há diferentes formas de alienação e controle impostos pelas esferas ideológicas nos diversos gêneros e discursos que circulam em nossa sociedade.

1. Pressupostos teóricos e metodológicos para as análises das categorias discursivas

Os referenciais teóricos empregados compreendem teorias que abordam a linguagem como prática social na perspectiva de que:

O discurso contribui para a construção de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

Neste caso, o discurso ao contribuir para o estabelecimento das estruturas sociais revelam relações de poder e de hegemonia. Com isso, o discurso, nas relações de interação humana, é uma prática social, representando e constituindo realidades sociais em significados. Portanto as construções discursivas são ideológicas e se materializam em diversos gêneros discursivos através dos elementos linguísticos e visuais nos contextos situacionais.

Por essa abordagem, o leitor deve ser crítico para identificar tais construções ideológicas. Assim sendo, Fairclough (2001, p. 28) explica que:

“Crítico” implica mostrar conexões e causas que estão ocultas; implica também intervenção – por exemplo, fornecendo recursos por meio da mudança para aqueles que possam encontrar-se em desvantagens. Nesse sentido, é importante evitar uma imagem da mudança discursiva como um processo unilinear, de cima para baixo: há luta na estruturação de textos e ordens do discurso, e as pessoas podem resistir às mudanças que vêm de cima ou delas se apropriar, como também simplesmente as seguir.

É com essa visão crítica que Fairclough (2001) discute a necessidade de saber o que está nas entrelinhas e quais as vozes que procuram controlar e manipular as massas. É saber como se constrói os textos a partir de outros e como esses outros textos se posicionam na dominação e/ou manipulação dos sujeitos. Além do mais, é nessa perspectiva crítica que percebemos as mudanças e as transformações sociais a partir da resistência de aceitar tudo o que já vem dito ou não dito nos discursos ideológicos das “esferas da comunicação discursiva” (GRILLO, 2010, p. 133).

Segundo Resende e Ramalho (2009, p. 59), Fairclough propõe três tipos de significados: o significado acional, que se relaciona aos gêneros, o significado representacional, aos discursos e o significado identificacional, ao estilo, ampliando o diálogo com a Linguística Sistêmica Funcional. Dessa forma,

a análise do discurso deve ser simultaneamente à análise de como os três tipos de significado são realizados em traços linguísticos dos textos e da conexão entre o evento social e práticas sociais, verificando-se quais gêneros, discursos e estilos são utilizados e como são articulados nos textos. (RESENDE & RAMALHO, 2009, p. 61).

Nessa inter-relação, as principais categorias de análise dos textos serão a intertextualidade, incluída no significado acional por ser constituída por gêneros; a interdiscursividade, que estabelece, em princípio, uma relação com o significado representacional, pois está conectada às maneiras particulares de representação das realidades sociais e a representação identitária dos atores sociais que se enquadra no significado representacional e em discurso particulares, consoante Ramalho e Resende (2011, p. 133-149).

A respeito da intertextualidade, Fairclough, (2001, p. 114) afirma que é “basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante”. Essa propriedade de articular vozes específicas como também de perceber a relevância da ausência dessas vozes, em situações particulares de uso da linguagem pode representar uma forma de hegemonia que merece análise por parte da ADC. Sendo assim, as possibilidades linguísticas de realização da intertextualidade analisadas nos textos serão a citação em discurso direto e a pressuposição.

No que concerne à interdiscursividade, destacamos as relações dialógicas entre os discursos que são articulados ou não nos textos. Destacamos também “as maneiras como são articulados e mesclados nos textos com outros discursos” (RAMALHO & RESENDE, 2011, p. 142). Essa articulação e mescla é que garante a heterogeneidade discursiva nos textos. A partir disso, os discursos particulares envolvidos se articulem para a manutenção, controle e manipulação de outros discursos. Nessa abordagem, os discursos são representações da realidade e do mundo concreto, na ênfase de que diferentes discursos representam diferentes realidades. Ou seja, “os modos e as práticas contrastantes de representação do discurso desenvolvem-se em conexão com diferentes tipos de atividade social, de acordo com as diferentes significações e com os valores que o discurso de outros venha a ter” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 164). Com isso, nas relações de dominação, os discursos podem estar em harmonia ou em competição, pois os atores sociais os utilizam “para se relacionarem,

cooperando, competindo, dominando” (RESENDE & RAMALHO, 2009, p. 71). Portanto, a heterogeneidade dos discursos em um mesmo texto é que materializa e define a interdiscursividade.

Com relação à representação dos atores sociais, percebe-se que há uma inter-relação com o discurso, uma vez que a representação dos atores sociais se caracteriza pela mobilização dos discursos que se formam sobre eles. Dessa forma, Resende e Ramalho (2009, p. 72) diz que as “maneiras como atores sociais são representados em textos podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e a suas atividades”. Com isso, os atores sociais são construídos conforme os discursos particulares que os envolvem nos diferentes gêneros, discursos e estilos, de modo que há várias possibilidades de realizações linguísticas que podem representar os atores sociais. Como são muitas essas possibilidades, vamos nomear apenas as categorias a serem estudadas nos textos: significação das palavras, lexicalização, generalização, exclusão e passivação.

Agora vamos discutir as questões teóricas e metodológicas relacionadas à ideologia. Conforme Thompson (2009, p. 44-71), Destutt de Tracy em 1796 foi o primeiro a falar sobre ideologia, sendo que o argumento de Tracy era que “não podemos conhecer as coisas em si mesmas, mas apenas as ideias formadas pelas sensações que temos dela”. Ao sistematizar essas ideias, surge a ciência das ideias, ou seja, a ideologia.

Thompson (2009, p. 71-74) formula um novo conceito de ideologia. Nesse sentido, seu trabalho é construtivo e modesto como mesmo ele afirma. Para tanto, começa a distinguir dois tipos de concepções: as neutras e as críticas. A primeira caracteriza o fenômeno ideológico como não sendo pejorativo, nem negativo, nem enganador ou ilusório e nem reflete interesses de grupos particulares. Ao contrário da primeira concepção, a segunda diz que o fenômeno ideológico possui sentido pejorativo, negativo, enganador, crítico, ilusório ou parcial. A partir dessa distinção, Thompson define como irá tratar da análise da ideologia:

A análise da ideologia, de acordo com a concepção que irei propor, está primeiramente interessada com as maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder. Ela está interessada nas maneiras como o sentido é mobilizado, no mundo social, e serve, por isso, para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder. Deixem-me definir este enfoque mais detalhadamente: *estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação.* (THOMPSON, 2009, p. 75-6, grifo do autor).

É nesse sentido também que procuramos estudar o discurso da revista *Veja* na construção da imagem do PT, partindo do pressuposto de que as formas simbólicas constituem sentidos de identidades dos sujeitos a fim de sustentar relações de dominação e de manipulação. Saber como essa construção simbólica, nos contextos sociais, é realizada, é importante para percebermos as estratégias utilizadas pela mídia no envolvimento político e ideológico que mascaram as intenções relativas à sustentação do poder. Por isso, a análise do texto, referente à ideologia, voltar-se-á para as categorias de operação ideológica formuladas por Thompson (2009, p. 81): legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. É importante observar que a escolha de uma ou mais categorias propostas por Thompson, na análise das construções simbólicas, será consequência do diálogo com as categorias da ADC, propostas por Fairclough. Isso é bem observado por Thompson quando diz:

Se uma dada estratégia de construção simbólica é ideológica ou não, depende de como a forma simbólica construída através desta estratégia é usada e entendida em circunstâncias particulares; depende do fato de a forma simbólica, assim construída, estar servindo, nessas circunstâncias, para manter ou subverter, para estabelecer ou minar, relações de dominação. (THOMPSON, 2009, p. 82).

É relevante frisar que o que determina a representação ideológica não é a análise em si mesma, mas o contexto em que os sentidos são potencialmente construídos. Para tanto, a motivação para usar determinada categoria ideológica consistirá naquilo que o texto a ser analisado propõe, ou seja, o corpus é quem determina a escolha das categorias de análise. Isso é importante para que os suportes teóricos coexistam significativamente com os modelos de análise prática.

Além de Thompson, há outro diálogo na análise proposta que é com a Semiótica Social. Nela, os elementos visuais são moldados pela cultura e pela história a partir de sistemas de representação. Dessa forma, o signo passa a ser estudado numa visão crítica, na perspectiva de que a linguagem seja uma forma de transformação ou conservação da hegemonia.

Com base nisso, a proposta de análise da capa da revista *Veja* da edição 1911 de 29 de junho de 2005 será em torno de algumas estratégias da gramática do design visual, propostas por Kress e van Leeuwen (1996). Para esses autores, o texto é multimodal, ou seja, inclui signos visuais e verbais dos quais a língua é realizada. Considerando a capa da revista

um sistema de signos em que há uma relação motivada entre significante e significado, essa ideia de texto favorece bastante a nossa análise, já que o significado passa a ter poder nas relações sociais e políticas.

Por isso, conforme a dinâmica do *corpus*, a categoria selecionada, na abordagem sugerida por Kress e van Leeuwen (1996), é a composicional. Maroun (2006, p. 63) diz que “A composição espacial do significado pode relatar significados representacionais e interativos entre os elementos por meio de três sistemas”. Isso quer dizer que os elementos visuais que constituem o espaço de um gênero significam e representam realidades. Para tanto, essa significação e representação se apresentam a partir de três sistemas inter-relacionados: valor informativo, saliência e enquadramento.

O primeiro se baseia na inserção de valores a partir da localização (esquerda e direita, superior e inferior, centro e margem) dos elementos multimodais que compõem os textos. O valor informativo da direita e da esquerda refere-se, respectivamente, ao novo e ao dado, ou seja, o novo constitui uma informação nova que o leitor deve ficar atento; porém o dado constitui uma informação conhecida, isto é, uma informação com a qual o leitor já tenha conhecimento. Com relação ao valor informativo das partes superior e inferior, temos, respectivamente, as seguintes referências: o ideal que se enquadra na idealização ou generalização da informação e o real que se caracteriza por designar uma informação mais concreta, específica ou prática. Por fim, temos o valor informativo do centro, caracterizado por apresentar a informação central, e da margem, caracterizado por ser uma informação dependente do elemento central.

O segundo se caracteriza por atrair o observador/leitor por elementos posicionados na imagem como, por exemplo, o tamanho do elemento, a cor com seus contrastes e tonalidades, o foco se é frente ou fundo, o posicionamento no campo visual, a perspectiva, etc. Dessa forma, os graus de saliência se caracterizam conforme o poder de observação do leitor que, na interação com os elementos multimodais, vai percebendo qual está mais em destaque e qual merece mais atenção. Nessa postura, a saliência pode ser maior em um determinado valor informativo e menor em outro.

O terceiro sistema é a moldura que se caracteriza por enquadrar os elementos ou grupos de integração no espaço das composições. Tal enquadramento pode ser dividido em dois ângulos: o da desconexão ou o da conexão. O primeiro se dá pela descontinuidade de cores e de brilhos, espaços vazios, etc.; o segundo, por associação dos elementos através da

ausência de moldura, através da continuidade ou similaridades de cores, através do formato visual, etc.

2. A construção da imagem do PT: análises das categorias discursivas nos textos

Para a efetiva compreensão da análise realizada, é preciso que o leitor deste artigo tenha lido com bastante atenção os anexos. Isso será de fundamental importância, já que as realizações linguísticas são retomadas constantemente na tentativa de se realizar uma análise não superficial dos elementos que constituem os discursos.

Vamos à análise. Em relação ao uso das citações em discurso direto na Figura I, percebemos argumentos de autoridades citados pela revista na tentativa de confirmar a atualidade do tema que é a corrupção política no Brasil, configurado no escândalo do mensalão. Há três ocorrências dessas citações, como apresentam os exemplos a seguir:

- a) “Mais conhecido por sua afirmação de que ‘o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente’, o historiador inglês John Emerich Edward Dalberg(1834-1902)”. (l. 1-5)
- b) “Em uma delas, ele deixou registrado que ‘o perigo não está em que uma determinada classe seja incapaz de governar sozinha. O fato é que nenhuma classe é capaz de governar sozinha’.” (l. 7-10)
- c) “foi preciso ‘comprar um exército de mercenários no Congresso’, como denuncia o deputado Roberto Jefferson”. (l. 16-18)

Fairclough (2001, p. 154) diz que “elas (as aspas) podem ter várias funções mais específicas, como distanciar a si próprio da voz externa, usar sua autoridade para sustentar a própria posição, mostrar um uso para inovar, ou introduzir uma palavra nova”. Nos dois primeiros exemplos, vê-se que a utilização da fala do historiador inglês John Emerich Edward Dalberg se justifica como um argumento de autoridade, que sustenta a própria posição da revista com relação ao momento de denúncias de corrupção no governo do PT, ou seja, que o poder corrompeu a identidade do PT. Essa posição é comprovada no texto quando, no editorial, há a seguinte frase “o PT é incapaz de reconhecer que perdeu a aura de honestidade, justamente a característica que levou o partido ao Planalto” (l. 35-37).

Por essa afirmação, têm-se a pressuposição que Fairclough (2001, p. 156) afirma ser uma das “formas efetivas de manipular as pessoas, porque elas são difíceis de desafiar”. Com isso, o leitor deve estar atento para perceber tais formas de manipulação para interagir de maneira crítica com o texto a ser interpretado e ser um agente consciente e transformador de

sua própria realidade social. Nessa abordagem, a opinião da revista pressupõe que, no passado, o PT se caracterizava por um discurso em que a honestidade era uma das bandeiras do partido. Essa informação implícita se dá devido à utilização do verbo “perdeu” no pretérito perfeito simples, verbo do mundo narrado, inserido no mundo comentado. Segundo Koch (1996, p. 40-41), essa mescla é conhecida como metáfora temporal.

Assim, o locutor tenta se esquivar do compromisso com a informação, ou seja, relaxa e se distancia do que foi dito, característica do mundo narrado, pois “os tempos do mundo comentado levam consigo algo de sua tensão, compromisso e seriedade, dilatando a validade do relato ou insistindo sobre ela” (KOCH, 1996, p. 41). Dessa forma, fica nas entrelinhas que o partido, agora, é desonesto, uma vez que “perdeu a aura de honestidade”. Ademais, esse processo de construção discursiva constrói a imagem do PT de forma pejorativa. No jogo da metáfora temporal, configura-se uma conexão semântica importante para a compreensão do enunciado.

A escolha da terceira citação em discurso direto também revela a posição da revista em relação à construção da imagem do PT. Essa posição denota ser menos comprometida em relação à opinião da revista sobre as denúncias de corrupção no governo Lula, já que o autor da frase é um dos envolvidos diretos no episódio do mensalão, ou seja, o delator do esquema de corrupção conhecido como mensalão, o deputado Roberto Jefferson. Neste caso, há certa ambivalência, uma vez que a revista procura, de certa forma, distanciar-se da voz externa, e ao mesmo tempo incluí-la como sua posição, pois apresenta, no decorrer, do editorial, um vocabulário semântico congruente com a ideia de “comprar mercenários” citada na fala do deputado.

Essa tentativa de inclusão se dá principalmente pelos enunciados em volta da citação quando diz “... foi preciso ...”, “como denuncia...” e “o grande êmulo do PT”. O vocábulo *denuncia* procura tirar o envolvimento opinativo da revista, já que, como explicado, estrutura-se no mundo narrado. Além disso, ao adjetivar em forma de aposto o deputado Roberto Jefferson como sendo um adversário do PT, pressupõe que a citação foi dita com certa negatividade e só seria dita por um rival, numa tentativa de exclusão da revista com relação à concordância com a citação. Outro aspecto é a forma verbal “foi preciso” que se estrutura na posição sintática de constituição da passiva analítica, uma vez que é construída por um verbo auxiliar mais um verbo principal no particípio e um sujeito oracional posposto ao verbo que é “comprar um exército de mercenários no Congresso”.

Essa relação ativo/passivo é uma das categorias de análise propostas por van Leeuwen, segundo Magalhães (2010, p. 17). Essa é uma tentativa de obscurecimento do sujeito real pela passivação, porque fica tácito que o sujeito real é o PT e não o sujeito oracional (comprar um exército de mercenários no Congresso). Essa passivação “apaga os atores” como diz Thompson (2009, p. 88), numa tentativa de não ficar clara a opinião da revista com relação a quem compra “os mercenários no Congresso”.

No entanto, a força ambivalente se constrói a partir do momento em quem o ator social, ou seja, a revista *Veja* insere vocábulos semanticamente harmônicos com a ideia de “comprar um exército de mercenários no Congresso”. Na fala do próprio deputado, já se propõe a construção da imagem do PT de forma depreciativa, já que a expressão “comprar um exército de mercenários no Congresso” pressupõe que quem compra pessoas não faz com boas intenções, ou melhor, ou é para escravizar ou é para servir a seus interesses particulares. Ao citar essa intertextualidade manifesta, isto é, recorrência explícita a outros textos específicos consoante Fairclough (2001, p. 152); o ator social concorda explicitamente com o que diz o deputado Roberto Jefferson.

Mas isso fica mais explícito ainda quando as referências vocabulares e expressivas, no decorrer do texto, relacionam-se ao PT da seguinte forma: “o custo dessa linha oficial de ação” (l. 19), ironizando a ideia de que a compra de parlamentares no governo do PT é legalizada; “confrontados com as evidências crescentes de corrupção” (l. 20), confirmação da corrupção a partir da ideia do vocábulo “evidência”; “enveredam” (l. 22) e “rota de fuga” (l. 22-23), essas palavras metaforicamente representam os petistas como marginais que precisam fugir por caminhos estreitos como os bandidos do complexo do alemão no Rio de Janeiro, seguindo uma rota de fuga, expressão usada no cotidiano policial. Essa lexicalização sustenta ideologicamente a opinião da revista através de um discurso de marginalização com relação aos políticos do PT.

Com relação à prática sociocultural, a interdiscursividade se constrói a partir de um discurso predominante, ou seja, o discurso da mídia, representado pela revista, que se subdivide em dois discursos secundários: o discurso da marginalização do PT e o discurso de boa conduta para o PT que se relacionam e se complementam ideologicamente. O discurso da marginalização já foi materializado na análise das categorias de intertextualidade: citações em discurso direto, pressuposições, lexicalização, passivação e significação das palavras. Porém cumpre, nesse momento, identificar que esse discurso se enquadra na ausência de limites

éticos, já que as informações implícitas sugerem ser não só Roberto Jefferson, “o grande êmulo do PT”, mas também a revista.

Segundo Thompson (2009, p. 87), essa é uma estratégia, conhecida como expurgo do outro, que procura construir simbolicamente um inimigo que deve ser combatido, descaracterizando seus valores perante a sociedade e conclamando-a para expurgá-lo do meio social. Tal assertiva é bem inferida quando a revista *Veja* diz que o “resultado disso tudo, como mostra outra reportagem da revista, é uma enorme decepção popular e ânsia de que tomem as medidas efetivas para conter a corrupção. No próximo ano, esses anseios se manifestarão nas urnas. Eis a beleza da democracia” (l. 38-42). Mas será que essa “ânsia” é mesmo da população? *Veja* que o ator social se envolve claramente quando diz que “esses anseios se manifestarão nas urnas”, ou seja, seria a forma de expurgar o PT do governo, ou melhor, com a derrota na eleição presidencial em 2006.

Já o discurso da boa conduta para o PT dialoga com a capa da revista e o editorial. A capa será analisada a partir da abordagem composicional sugerida por Kress e van Leeuwen sendo analisadas as instâncias: valor informativo, saliência e moldura, numa perspectiva de diálogo social e crítico com o editorial. Com relação ao valor informativo, destacamos o lado esquerdo, a parte inferior e o centro.

No lado esquerdo (“Mensalão”: Banco Central detectou saques milionários de Valério, amigo de Delúbio), essa informação já é conhecida pelos leitores da revista *Veja*, já que o assunto *Mensalão* vem sendo discutido desde a edição 1906 de maio de 2005. É bom observar que nessa informação foi usado o termo *amigão*, que infere para o leitor uma perspectiva irônica, uma vez que o aumentativo é desprovido de seu sentido original, isto é, uma relação duradoura de amizade. Nessa nova acepção, o sentido sugere um certo humor sarcástico e desagradável, pois as relações de amizade entre os envolvidos, Delúbio e Valério, justificam-se no contexto do esquema do mensalão. Aqui vemos uma outra construção ideologicamente discursiva para ridicularizar o PT, já que Delúbio era, na época, tesoureiro do PT na executiva nacional e foi coordenador da campanha do presidente Lula nos anos de 1989 e 1998.

Na parte inferior, temos a materialização do discurso da boa conduta para o PT na passagem “O grande erro: confundir o partido com o governo”. Nessa parte, percebe-se a categoria de análise conhecida como “real”, ou seja, o lugar onde as informações concretas, específicas ou práticas são colocadas. Essas informações são comprovadas porque esse é um

discurso que vai se concretizar no diálogo com o título “Escolha simples” e com os trechos “reconhecer que perdeu aura de honestidade” (l. 35-36) e “tomem medidas efetivas para conter a corrupção” (l. 40-41). Tal discurso sugere condutas “morais” e “éticas” a fim de que o PT, de uma forma generalizada, assuma as responsabilidades de corrupção no governo como é feita pelo funcionário dos Correios na imagem do editorial. Por fim, assumo que é um partido corrupto e desonesto. Segundo Thompson (2009, p. 82-83), essas cadeias de raciocínios, baseadas na estratégia de racionalização, procuram justificar uma ideia como sendo legítima de apoio. No caso em questão, a ideia de que o PT deve seguir essas condutas para sair da crise.

No centro, ou seja, a parte mais saliente, vê-se a estrela vermelha em tamanho bastante ampliado, dentro dela está a sigla PT, destacada em cor branca. Mas o que chama atenção mesmo, além do tamanho aumentado do símbolo do PT, é essa estrela está sobreposta à insígnia “Brasão - Armas da República”, um dos símbolos do Brasil, sendo quatro pontas fixadas por fitas adesivas brancas e uma das pontas solta. Interpreta-se que essa ponta solta represente a não dominação total, mas sim parcial do governo. Outro aspecto interessante é a ausência de molduras, uma forma de fortalecer visualmente a representação identitária do PT que se configura, na imagem da capa, como sendo um partido centralizador e dominador.

Essa ideia é argumentada no editorial quando diz que “... a raiz da crise na qual se enfiou o PT pode ser buscada justamente na tentativa de fazer um governo dominado por uma única classe de pessoas, a dos petistas” (l. 12-14). Esse suposto regime centralizador é satirizado ironicamente por ter nome, dia, mês e ano incluídos na parte inferior do brasão com a seguinte inscrição “Republica Federativa do Zé, 1º de janeiro de 2003”. Zé que substitui a palavra Brasil refere-se a um dos principais envolvidos do escândalo, na época, o ministro José Dirceu, considerado um dos mentores do mensalão. Neste caso, fundador da corrupção no Brasil que se iniciou no dia 01 de janeiro de 2003, ano em que o presidente Lula assumia a presidência do Brasil pela primeira vez.

Considerações Finais

Em nenhum momento a revista *Veja* faz alusão direta ao governo do presidente Lula, porém toda a construção da imagem do PT, a partir da desconstrução simbólica da *honestidade* do Partido dos Trabalhadores que, outrora chegara ao poder por se apresentar como defensor público desse princípio moral, faz-se com a intenção de influenciar nos

resultados das eleições presidenciais de 2006. Isso é notório porque, quando se generaliza expressões como “... da crise na qual se enfiou o PT...” (l. 12), “fazer um governo dominado por uma única classe...” (l. 13-14), “... evidências crescentes de corrupção na administração direta e nas estatais, os políticos do PT ...” (l. 20-22), “Para esses políticos ...” (l. 24), “Nem eles mesmos...” (l. 26), “Mas a (eles) propagam...” (l. 27), “o PT é incapaz ...” (l. 35), “1º de janeiro de 2003” (Capa), todos os políticos e filiados do partido estão incluídos, até mesmo o Presidente da República que era do PT, na época, e manifestara disputar a reeleição no ano vindouro.

Portanto, a construção discursiva do PT, pela revista *Veja*, se realiza com intenções potencialmente ideológicas, numa tentativa de construir uma nova imagem do partido, caracterizada pela corrupção, marginalidade e por um partido mercenário, dominador, autoritário e centralizador. Essa imagem está direcionada, exclusivamente, ao governo Lula para influenciar de forma negativa em seu mandato presidencial, de modo que os discursos de boa conduta, direcionados ao PT para a efetivação de medidas corretivas e honestas, são apenas uma forma de manipulação e dominação do leitor a fim de evitar a ideia de que a revista seja um inimigo do PT, ideia que fere os princípios da “ética” jornalística.

REFERÊNCIAS

- ESCOLHA simples. *Acervo digital da revista Veja*. Edição 1911. 2005. p. 9. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 05 nov. 2011.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.
- GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e campo. In: BRAINT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 133-160.
- KOCH, I. G. *Argumentação e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- MAGALHÃES, Izabel. Discursos e identidades: exotismo e domínio violento. In: *Cadernos de linguagem e sociedade*. (Coord.) Denize Elena Garcia da Silva. Brasília: Thesaurus, 2010. v. 11. n° 1, p. 13-37.
- MAROUN, Cristiane Ribeiro Gomes Bou. *A multimodalidade textual no livro didático de Português*. Repositorio. UNB, 2006. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/8854/1/2006_CristianeRibeiroGomesBouMaroun.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2011.

RECORTE – revista eletrônica
ISSN 1807-8591
Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura / UNINCOR
ANO 9 - N.º 1

CAPA. *Acervo digital da revista Veja*. Edição 1911. 2005. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>> Acesso em: 05 nov. 2011.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de Discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. São Paulo: Pontes, 2011. (Coleção Linguagem e Sociedade, Vol. 1).

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2009.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 8. ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2009.

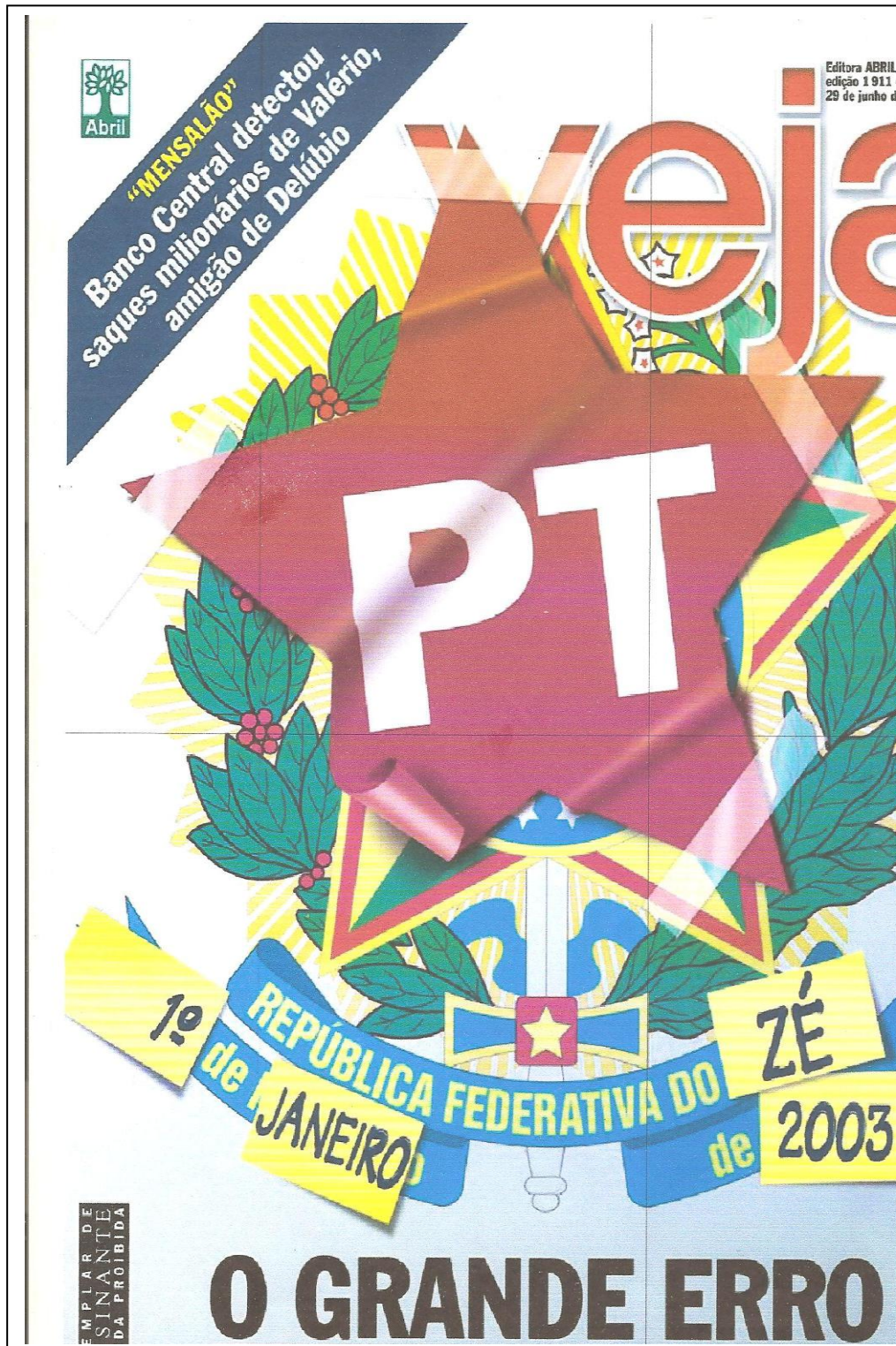
Artigo recebido em maio de 2012.

Artigo aceito em junho de 2012.

RECORTE – revista eletrônica
ISSN 1807-8591

Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura / UNINCOR
ANO 9 - N.º 1

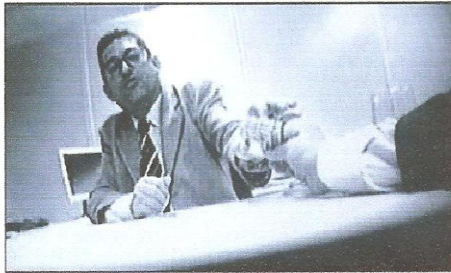
ANEXO I



ANEXO II

Carta ao leitor

Escolha simples



A mão no maço de dinheiro: uma imagem resume toda a crise

Mais conhecido por sua afirmação de que “o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente”, o historiador inglês John Emerich Edward Dalberg (1834-1902), lorde Acton, nunca esteve tão atual no Brasil. Embora não tenha escrito um único livro, suas palestras garantiram-lhe a imortalidade. Em uma delas, e e deixou registrado que “o perigo não está em que uma determinada classe seja incapaz de governar. O fato é que nenhuma classe é capaz de governar sozinha”. Como uma reportagem da presente edição de VEJA mostra, a atualidade de lorde Acton está em que a raiz da crise na qual se enfiou o PT pode ser buscada justamente na tentativa de fazer um governo dominado por uma única classe de pessoas, a dos petistas. Para não ter de dividir a determinação dos rumos do país com outras forças políticas, foi preciso “comprar um exército de mercenários no Congresso”, como denuncia o deputado Roberto Jefferson, o grande émulo do PT.

O custo dessa linha oficial de ação está sendo alto para o país e para o próprio governo. Confrontados com as evidências crescentes de corrupção na administração direta e nas estatais, os políticos do PT enveredaram por uma desgastante rota de fuga, que inclui a auto-ilusão e a negação pública da realidade. Para esses políticos, está-se diante de uma conspiração das elites, de um conluio para encurtar o mandato do presidente Lula. Obviamente, isso é um absurdo. Nem eles mesmos acreditam na tese que defendem. Mas a propagam assim mesmo, na vã esperança de que só o discurso espante o problema.

A outra opção seria encarar a crise em toda a sua assustadora simplicidade, consubstanciada naquele gesto quase automático do funcionário dos Correios que aparece, no vídeo revelado por VEJA, embolsando um maço de cédulas. Mas isso implicaria admitir que a corrupção se akastrou capilarmente até pelos escalões inferiores do mundo oficial. Às portas de uma nova eleição presidencial, o PT é incapaz de reconhecer que perdeu a aura de honestidade, justamente a característica que levou o partido ao Planalto. Por isso tenta colocar de pé tolas teorias conspiratórias. O resultado disso tudo, como mostra outra reportagem da revista, é uma enorme decepção popular e a ânsia de que tomem as medidas efetivas para conter a corrupção. No próximo ano, esses anseios se manifestarão nas urnas. Eis a beleza da democracia.

LIZARD

Anel menor de ouro amarelo 18K com diamante 5x R\$ 246, ou à vista R\$ 1.230. Anel maior de ouro amarelo 18K com diamante ou de ouro branco 18K com diamante 5x R\$ 490, ou à vista R\$ 2.450 cada. Peças ampliadas para mostrar detalhes. 0800-227442 SAC@hstern.com.br VE0487 ©H.Stern 1998

www.hstern.com.br



60 anos
H. Stern